

Sociedade em rede: ciberfeminismo na página “Eu tinha um professor que..”¹

Jade Vilar de Azevedo²

Margarete Almeida Nepomuceno³

Universidade Federal da Paraíba, PB

RESUMO

A escola é um ambiente de vigilância e punição. Os corpos das meninas em seu processo de desenvolvimento são sexualizados, assediados e estereotipados pelas figuras que deveriam educar. Através da internet e do ciberfeminismo meninas do mundo inteiro encontraram no meio digital uma forma de denunciar os abusos, dá suporte a outras vítimas e se aproximaram da ideologia feminista. Nesse presente artigo iremos estudar a página do Facebook “Eu tinha um professor que...”, a qual utiliza a comunicação digital para denunciar abusos sofridos no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: escola; assédio; ciberfeminismo; internet; cibern militância

Feminismo e suas ondas

A internet configurou-se como a ferramenta fundamental da globalização, não só da comunicação interpessoal, mas também fomentando o compartilhamento de ideologias e campos de estudos.

O desenvolvimento do feminismo acompanhou intrinsecamente a evolução e popularização dos meios digitais. O movimento é uma filosofia que reconhece que homens e mulheres têm experiências diferentes, e reivindica que pessoas diferentes sejam tratadas não como iguais, mas como equivalentes (Fraisse, 1995; Jones, 1994; Louro, 1999; Scott, 1986).

Academicamente categorizado em “ondas do feminismo” (Costa, 2002; Nogueira, 2001), obedecendo a critérios de data, público participante e reivindicações, a primeira onda do movimento aconteceu de forma intensa nos Estados Unidos da América e na Europa,

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Aluna pesquisadora do GEM, grupo de pesquisa em gênero e mídia da UFPB. Email: jade.vilar@hotmail.com

³ Profa. Dra. do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Criadora e orientadora do grupo de pesquisa GEM.

abrangendo de forma menor os demais continentes. Entre o final do século dezoito e o início do século vinte, no auge da crise econômica denominada “Crise de 29”, as mulheres organizaram-se em torno do sufrágismo, movimento que exigia a liberação do voto feminino assegurando direitos civis básicos que eram negados ao gênero feminino.

Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufrágismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a "primeira onda" do feminismo. Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média. (LOURO, G. 1997, p. 14-15)

A reivindicação principal era a conquista do poder político, porém feministas como Voltairine de Cleyre e Margaret Sanger já debatiam e difundiam conceitos como liberdade sexual, econômica e reprodutiva. No Brasil, assim como em países fora do eixo principal de desenvolvimento econômico mundial, o movimento feminista chegou com proporções menores. Surge em mil novecentos e vinte e dois a Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino, objetivando o sufrágio e o direito de trabalhar sem a autorização do marido.

A segunda onda iniciou-se nos anos setenta, e deu-se como uma continuação natural dos objetivos alcançados da primeira. As mulheres conseguiram alguns direitos, mas precisavam de leis e regulamentações que os garantissem, respeitando a cidadania e individualidade de todas. Nesse período as mulheres querem que suas subjetividades sejam reconhecidas e valorizadas. Fraisse (1995) afirma que essa igualdade-diferença entre os gêneros, pode se sobrepor a questão filosófica e adentrar no campo político sugerindo que as subjetividades do homem e da mulher podem não ser idênticas, mas sim equivalentes, surgindo assim no movimento feminista a questão da equidade.

A terceira onda inicia-se na década de noventa buscando corrigir falhas deixadas pela anterior. Feministas passaram a questionar o foco central da segunda onda, ter sido em mulheres brancas de classes sociais privilegiadas em detrimento de mulheres negras, pobres e vulneráveis socialmente. Feministas como Cherrie Moraga e Maxine Hong Kingston buscam debates e reivindicações que se atentem as necessidades especiais de cada mulher, de acordo com sua situação social e classe. Inicia-se o feminismo da diferença, e a luta para tornar o movimento cada vez menos homogêneo. Surge o feminismo negro, trans, lésbico... A discussão deixa de ser sobre as mulheres e passa a ser sobre as relações de gênero.

Nesta terceira fase do movimento feminista, observa –se intensamente a intersecção entre o movimento político de luta das mulheres e a academia, quando começam a ser criados em algumas universidades brasileiras, centros de estudos sobre a mulher, estudos de gênero e feminismo. (Louro, 1995; Machado, 1992; Scot, 1986; Toscano e Goldenberg,1992)

. Feminismo é pop: Quarta onda e ciberfeminismo

A quarta e atual onda do feminismo nasce junto com o momento em que a Internet fixa-se como um dos principais meios de comunicação de massa. O ciberfeminismo achou na cultura da internet uma forma de sair da banalização e da pouca visibilidade dentro da sociedade. Segundo Wakeford (1997), pesquisadora de movimentos feministas na internet, as mulheres encontraram no meio digital uma forma de revolucionar as formas que as representam, e usam esse meio para propagar seus ideais. Segundo a pesquisadora (p.53) “ eles fazem isso criando redes de projetos centrados explicitamente em mulheres ou projetos feministas como espaços alternativos na cultura computacional” .

No ano de 2015 a migração do movimento feminista para o meio digital, alcançou sua maior visibilidade com o sucesso de campanhas como “Meu primeiro assédio⁴”, que foi criada pelo coletivo feminista Think Olga, após uma participante de doze anos do programa Master Chef Jr, ter sido alvo de assédio através das redes sociais. A campanha ganhou uma enorme adesão das mulheres que relataram as suas primeiras experiências de assédio e/ou violência, o que levou o assunto aos Trend Topics do Twitter. A campanha intitulada “Meu amigo secreto⁵”, foi criada de forma espontânea também no Twitter e repercutiu nas mais diversas redes sociais. Através dela as mulheres denunciaram o machismo que existe nos discursos e relações sociais reproduzidos todos os dias. Essas campanhas fizeram mulheres pensarem de forma coletiva, que não importava a idade, raça ou classe social, quase todas elas tinham uma experiência de assédio para relatar, e/ou eram vítimas da sociedade machista.

⁴ Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>

⁵ Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2015/11/meuamigosecreto-nova-campanha-internet-denuncia-o-machismo-nosso-de-cada-dia.html>

Através do ciberativismo⁶, o feminismo também ganhou reforço e visibilidade nas ruas, através de movimentos como “A marcha das Vadias”⁷ que reuniu mulheres do Brasil inteiro, em torno da liberdade do seu próprio corpo e do fim da violência contra a mulher. Corpos desnudos e cartazes com discursos que questionam o discurso patriarcal e opressor da mulher⁸: “nem santa, nem puta, livre”; “sou minha, só minha e não de quem quiser”; bonita é mulher que luta”; “meu corpo,minhas regras”; eu não vim da sua costela, você que veio do meu útero”; “meu corpo me pertence e abortar é uma decisão minha”; somos feministas porque somos vadias de família, somos uma família de vadias”.

Nessa nova onda do feminismo mulheres têm contato com os ideais do movimento cada vez mais jovens, por isso o debate e contestação do sistema patriarcal vigente estão deixando o recluso ambiente das universidades e reverberando em adolescentes dentro de suas escolas e salas de aula. As meninas passam a questionar e a enxergar de forma não naturalizada os comportamentos machistas reproduzidos por seus professores.

A rede é constituída por mulheres jovens independentes, de organizações e movimentos: negras, lésbicas, indígenas, quilombolas, rurais, da periferia, sindicalistas e de populações tradicionais e provenientes de diferentes regiões do Brasil. Tem um caráter democrático, suprapartidário, anti-capitalista, anti-racista, anti-patriarcal, anti-lesbofóbico, não sexista, não adultocêntrica, não confessional, não hierárquico e não governamental. (Disponível em <http://jovensfeministasdesp.blogspot.com> [acesso em 04/05/2016//])

Trocando experiências e conhecimentos através da internet, mulheres do mundo inteiro acharam no meio digital uma rede de suporte para levarem a ideologia feminista para todos os ambientes em que a mulher ainda sofra por conta do seu gênero. O discurso feminista também ganhou legitimidade e repercussão entre as adolescentes quando passou a ser reproduzido por atrizes hollywoodianas, ídolos juvenis como a atriz Emma Watson, que interpretou Hermione na série mundialmente famosa, Harry Potter.

⁶ A utilização da Internet por movimentos sociais com o intuito de alcançar suas tradicionais metas ou lutar contra injustiças que ocorrem na própria rede (GURAK, LOGIE, 2003; MCCAUGHEY, AYERS, 2003)

⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/06/protesto-marcha-das-vagabundas-chega-ao-brasil-neste-sabado.html>

⁸ Disponível em: www.blogueirasfeministas.com

Emma foi escolhida pela ONU Mulheres como a Embaixadora Global da Boa Vontade, e lançou a campanha “ He for she⁹”, que convoca homens e mulheres para trabalharem juntos em favor da equidade dos gêneros objetivando um mundo melhor para ambos. Seu discurso de lançamento da campanha ¹⁰tornou-se popular na Internet, e já foi visto mais de um milhão de vezes só no Youtube. Essa repercussão ajudou a fomentar e expandir a ideologia feminista pelo mundo incitando o debate sobre a condição do gênero feminino na sociedade atual, inclusive em espaços pouco explorados antes como as salas de aula. Beyoncé, cantora americana ícone do pop mundial, também é uma das fomentadoras do discurso feminista. Em seu penúltimo álbum, Beyoncé Platinum Edition de 2015, a música Flawless ¹¹ é remixada com um discurso da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, sobre a condição feminina, as imposições opressoras que as mulheres sofrem, e as formas opostas que a sociedade lida com a criação de cada gênero. Meninas do mundo inteiro, dançam ao som de palavras de empoderamento e reflexão. A luz do pop, o feminismo ganha adesão de milhares de mulheres espalhadas pelo mundo, mas unidas em prol de um objetivo comum.

Eu tinha um professor que ...

Dentro do contexto da quarta onda do feminismo destaca-se a página no Facebook intitulada “Eu tinha um professor que...”¹², em que meninas na idade escolar, remetentes de vários estados brasileiros denunciam abusos e assédios que viveram e/ou presenciaram no ambiente escolar. A página foi criada em outubro de 2015 quando as moderadoras que moram em João Pessoa no estado da Paraíba, perceberam em uma conversa informal que todas elas já elas já haviam testemunhado, sofrido ou ouvido falar sobre episódios de assédios nas escolas. Elas perceberam o quanto o assunto era corriqueiro, porém pouco discutido e por isso resolveram criar um espaço em que isso pudesse ser denunciado.

Segundo as criadoras a internet foi o meio escolhido para alocar essa plataforma de denúncia pela forma de comunicação rápida e de fácil compartilhamento dos conteúdos, sendo assim seria mais fácil que a ideia alcançasse um maior número de meninas que sofriam com o

⁹ <http://www.onumulheres.org.br/elesporelas/>

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gkjW9PZBRfk>

¹¹ Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/caleidoscopio_cultural/2014/12/o-feminismo-de-beyonce.html

¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/Eu-tinha-um-professor-que-1490458257916109/?fref=ts>

problema, mas não sabiam como lidar com ele. Elas queriam criar um espaço não só de debate, mas também de acolhimento para as vítimas de assédio. A proposta ganhou uma vasta adesão, e atualmente a página já conta com mais de nove mil curtidas.

Elas recebem em média, cinco relatos por dia, dos quais tentam postar pelo menos dois de forma mais imediata. Não existe uma seleção do que será postado, apenas se coloca o texto no formato utilizado na página, o que inclui uma arte padronizada em que uma frase marcante do relato é destacada.

Para esse artigo analisamos a página do período de trinta e um de janeiro de dois mil e dezesseis até vinte e dois de fevereiro do mesmo ano. No período de 31/01 à 06/02 foram veiculados oito postagens, com idade média das remetentes entre 14 e 18 anos, residentes dos estados de São Paulo e Paraíba, onde três não informaram seu estado de origem e idade.

No período de 07/02 até 14/02 foram publicadas 4 postagens, com idade média das remetentes entre 18 e 19 anos, residentes dos estados da Paraíba e Paraná.

No período de 15/02 até 22/02 foram publicadas cinco postagens, com idade média das remetentes entre 12 e 19 anos, residentes dos estados do Ceará, Minas Gerais, Bahia e São Paulo.



Figura 1: Página no Facebook do “ Eu tinha um professor que ...”

Os relatos são enviados pelas mensagens privadas, recurso oferecido pelo próprio Facebook em que apenas o remetente e quem recebeu visualiza o conteúdo. Após esse primeiro contato, com a permissão das meninas, que na maioria das vezes optam por preservar o anonimato, o material é publicado. O espaço é aberto para comentários, e a cada postagem dezenas de meninas se identificam com as situações e escrevem mensagens de apoio as vítimas.

O conteúdo fixa-se em denúncias de abusos sofridos ou presenciados dentro do ambiente escolar. Troca de notas por beijos, comentários abusivos, assédio moral e físico, são as denúncias frequentes.

Escola que vigia

A escola é um local de total vigilância, os alunos são observados e punidos. A divisão em classes e séries, separa aqueles que se adaptaram ao regime, daqueles que não conseguiram, e portanto são rechaçados com retenção ou exclusão. Segundo Foucault (1999a, p.42) “é um

mecanismo de poder que permite extrair dos corpos tempo e trabalho, mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente por vigilância e não de forma descontínua por sistemas de tributos e de obrigações crônicas”.

Dentro desse sistema rígido a individualidade é vista como nociva. Os meios de aprendizagem, o comportamento e os hábitos precisam atender a um padrão estabelecido, sendo monitorados através de provas constantes nas quais um questionário tenta nivelar o nível de conhecimento dos alunos. A disciplina é rígida, com horários fixos e extensos. As aulas também obedecem a um modelo padrão que se sucede no decorrer dos anos, indiferentes as peculiaridades individuais de aprendizagem. A ritualística quase nunca é alterada, do horário que entram até o horário que saem, os alunos obedecem a atividades padrões, pouco flexíveis e constantemente cronometradas.

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que em todos os dispositivos de disciplina o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. No coração dos processos de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam. A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível. (Foucault, 1977, p. 164-165)

A escola produz corpos dóceis (Foucault, 1977, p. 191) que são treinados e punidos para naturalizarem as regras impostas, “corpos controlados, adornados, estilizados, apropriadamente comportados e em movimento estabelecem o gênero e as relações de gênero”¹³. Os indivíduos precisam aceitar com doçura e ao mesmo tempo enxergar como útil aquele processo de educação, acreditando que isso o levará a uma vida adulta de sucesso financeiro. O indivíduo se dobra as regras, para ser considerado um ser humano promissor.

As relações de poder entre professores e alunos, se estruturam dentro desse ambiente hierárquico. O professor se estabelece como o ser detentor de todo o conhecimento e age

¹³ 1ID.,IB., p.495: “managed, adorned, fashioned, properly comported and moving bodies establish gender and gender relations” (idem, ibidem, p.495).

como regulador da disciplina, usando as notas das provas aplicadas como meio de exercer sua autoridade.

Os depoimentos enviados à página “Eu tinha um professor que...” reproduzem de forma sistemática as relações abusivas, onde as meninas são sexualizadas e assediadas em nome da manutenção da estrutura vigente.

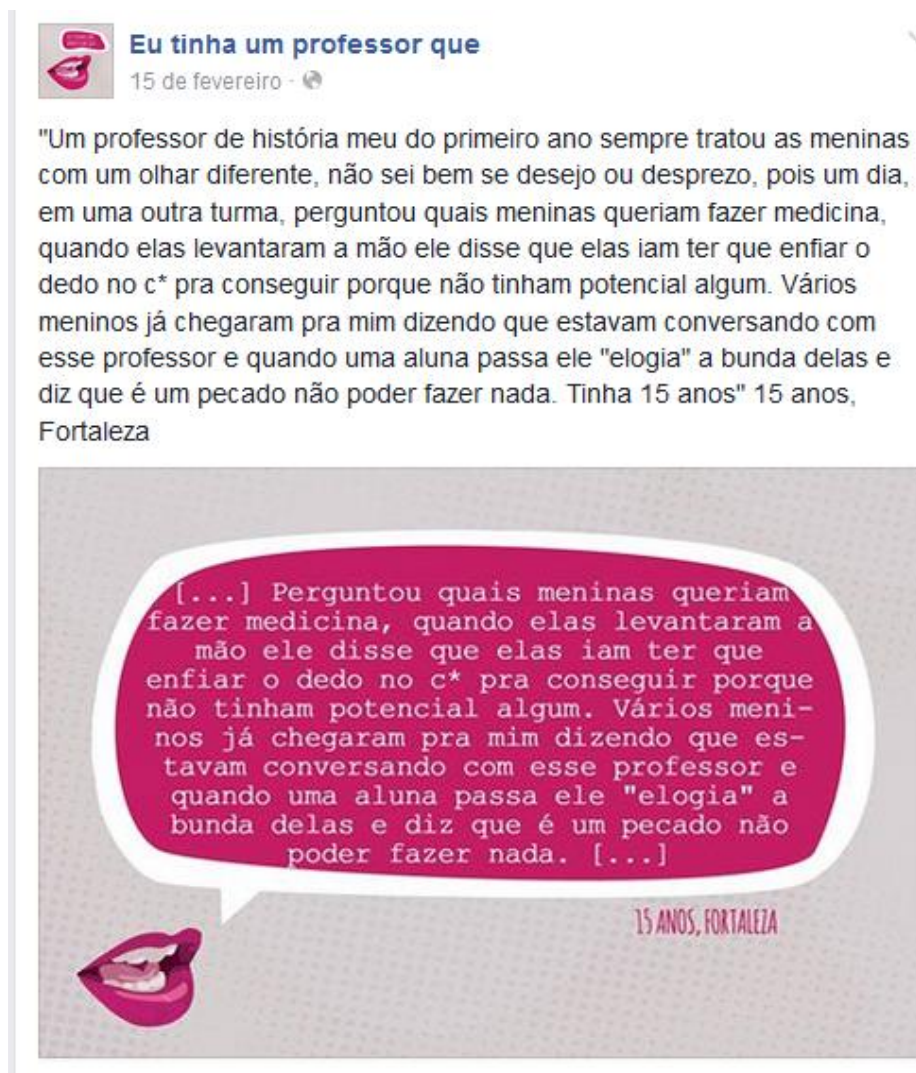


Figura 2: Depoimento na página do “ Eu tinha um professor que...”

Além do teor sexual, as meninas têm a sua capacidade intelectual questionada e são ridicularizadas. Tornar a vítima insegura é uma estratégia para deixá-la ainda mais vulnerável diante do assédio físico e moral. Bourdieu (1998) caracteriza esse comportamento como

“violência simbólica”, ou seja, o desprezo e anulação da confiança dos dominados, para que fiquem ainda mais sujeitos a dominação ideológica. Isso comprova que “ o poder foi e permanece predominantemente masculino, tendo com objetivo principal a dominação das mulheres, principalmente de seus corpos.” (Butler,2003;Millet,1970;Pateman,1993)

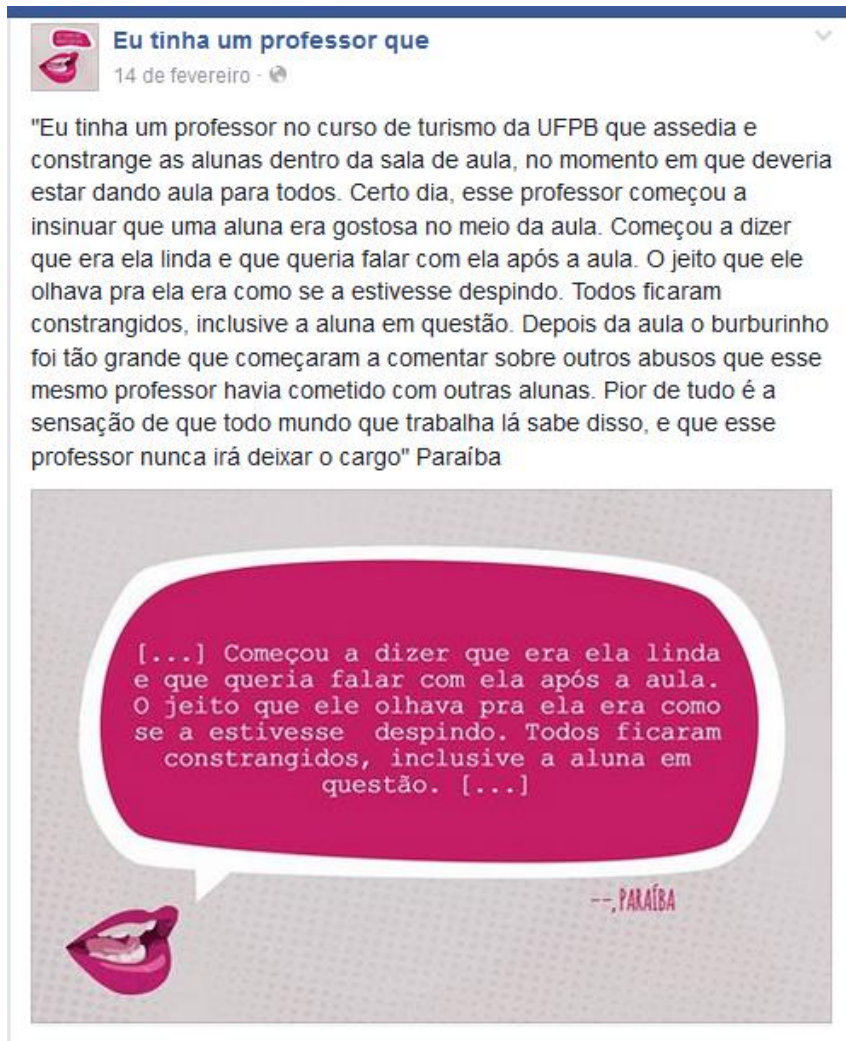


Figura 3: Depoimento na página do “Eu tinha um professor que...”

A escola em muitos casos relatados é conivente com o abuso de poder dos professores, e os mantém trabalhando mesmo recebendo denúncias. Em vários depoimentos, as meninas afirmam que a escola esconde e protege os professores, alegando que eles só podem ser demitidos por justa causa. O que seria uma justa causa? Assédio e abuso de vulnerável não configuram justa causa? A conivência da instituição alimenta o sistema opressor, e fazia as

vítimas guardarem para si mesmas seus traumas e raivas, até elas encontrarem na internet o espaço de voz que elas precisavam.

A sociedade em rede explicada por Castells (2007, pág. 17), é baseada em tecnologias de comunicação e informação, que formam “nós” comunicacionais em todas as partes do mundo de forma desigual. A sociedade conectada mundialmente permitiu a migração dos movimentos sociais para o meio digital, ampliando sua prospecção e levando suas ideologias e lutas para um grupo cada vez maior de indivíduos. Romão (2004, p.71) explica que “o século XXI nasce com marcas de silício nas veias, embalado pelo ideário de liberdade construído a partir da explosão das tecnologias de comunicação, especialmente aquelas que proporcionam velocidade, mobilidade e ubiquidade”. A comunicação instantânea fomentou a cibermilitância, noticiando as desigualdades e espalhando digitalmente a influência a favor dos mais diversos movimentos. Para Moraes (2001, p. 1-2) “a internet vem dinamizar as lutas das entidades civis a favor da justiça social num mundo que globaliza desigualdades de toda ordem. As vozes que se somam no ciberespaço representam grupos identificados com causas e comprometimentos comuns, a partir de diversidade de campos de interesse”.

É nesse contexto e efervescência que a página “Eu tinha um professor que...” é criada. Meninas conectadas em rede para denunciar abusos, assédios e constrangimentos que em tempos passados ficariam reclusos apenas a sala de aula. Através do suporte da comunicação instantânea e global, garotas em idade escolar conseguem ecoar seus relatos e inspiram tantas outras que precisam da mesma oportunidade: Serem escutadas, e lutarem juntas pela mudança das estruturas vigentes. Meninas silenciadas pelo medo e falta de suporte, transformam-se em militantes embasadas em uma ideologia que as fazem enfrentar o que antes as oprimiam. No meio digital o feminismo e tantos outros movimentos ideológicos, encontram a forma de comunicação necessária para provocarem alterações reais nas relações sociais. As redes oferecem os meios técnicos e os usuários as transformam em instrumento de mobilização social.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. In: **A dominação masculina**. Bertrand Brasil, 2010.

NARVAS, M; KOLLER, S. **Metodologias feministas e estudos de gênero**: articulando pesquisa, clínica e política. Rio Grande do Sul, 2006.

OLIVEIRA, E. **O feminino e as novas tecnologias de comunicação e informação**. Rio de Janeiro, 2004.

LIMA, Q. Blogueiras feministas e o discurso de divulgação do feminismo no ciberespaço. Porto alegre, 2013.

GARCIA, Dantielli Assumpção et al. A Marcha das Vadias nas redes sociais: um discurso da militância?. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 43, n. 3, p. 1041-1055, 2015.

PONTES, Felipe. Cibermilitância: Internet como plataforma de comunicação e espaço social para as minorias. **Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação**, v. 1, n. 1, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Graal, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. In: **Escritos de educação**. Vozes, 2004.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em Rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura, Vol. 1. **São Paulo: Paz e Terra**, p. 17-49, 1999.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. In: **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Vozes, 2010.